

PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE JUVENIL

GUIÃO PARA DOCENTES
E OUTROS AGENTES EDUCATIVOS

Kit



GUIÃO + DVD



FILME + TEATRO DEBATE

Hipóteses de trabalho:



1 =

VER FILME INTEGRAL
PARA DEBATE



3 =

USAR HISTÓRIAS
E CRIAR TEATRO DEBATE



2 =

USAR AS HISTÓRIAS SEM HPÓTESES
DE CONCLUSÕES PARA DEBATE



4 =

CONSTRUIR NOVAS HISTÓRIAS
PARA DINAMIZAR TEATRO DEBATE

1 Com o apoio de histórias representativas de diferentes formas de Violência no Namoro às quais se dão 3 hipóteses de conclusão, poderá ser dinamizado um debate estruturado sobre a temática.

2 Com o apoio destas histórias, podemos, sem a utilização das hipóteses de conclusão, dinamizar um debate mais aberto sobre diferentes formas de Violência no Namoror, mas implicando um maior domínio da temática por parte do agente educativo e uma maior participação por parte dos alunos/jovens.

3 Utilizando as histórias construídas é possível encenar um teatro debate.

4 Tendo como inspiração o processo descrito no Guião, é possível construir novas histórias para encenar um teatro debate.

KIT PEDAGÓGICO PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE JUVENIL



KIT PARA DOCENTES
E OUTROS AGENTES EDUCATIVOS

A violência no namoro não é um problema de alguns jovens ou de alguns relacionamentos, mas sim um problema social relevante que é muitas vezes desvalorizado. Tal como nas relações conjugais, também a violência nas relações de intimidade juvenil é um problema sério porque deixa marcas, sendo importante alertar para a gravidade das suas consequências!

ÍNDICE

01. A Violência no namoro - muita convicção, algumas ideias, uma partilha necessária	7
A violência no namoro é mesmo um problema?	13
Violência entre namorados/as em Cascais?!	13
Porquê intervir sobre este tema?	14
Porquê intervir na escola?	16
02. Prevenir a violência no namoro - um percurso em meio escolar	9
A abordagem ao tema da violência no namoro foi por onde começamos	11
Discutimos temas, ideias e ficámos a perceber melhor o que é a violência no namoro	12
Construímos um conjunto de narrativas na perspetiva do teatro debate	13
03. Amor com amor, chapada!? O filme e a sua utilização em contexto escolar	23
História 1 - "Os ciúmes"	11
História 2 - "Cyberbullying "	12
História 3 - "Um Comportamento Abusivo"	13
04. Contactos	23
05. DVD	23



Cofinanciado por:



Parceria:



Produção:



01

A VIOLÊNCIA NO NAMORO – MUITA CONVICÇÃO, ALGUMAS IDEIAS, UMA PARTILHA NECESSÁRIA

O Guião para Docentes tem como objetivo orientar os/as docentes na preparação e implementação de sessões de sensibilização sobre a violência nas relações de intimidade juvenil com os/as alunos/as nas escolas do Concelho, podendo também ser utilizado por outros agentes educativos/formativos no trabalho com jovens.

O Guião descreve a importância de uma abordagem preventiva sobre a violência no namoro junto dos e das jovens, num território específico (o concelho e a comunidade escolar) e dá orientações de apoio à visualização das diferentes histórias do filme e ao respetivo debate a promover com os/as jovens.

A VIOLÊNCIA NO NAMORO É MESMO UM PROBLEMA?

A violência nas relações afetivas é cada vez mais precoce:

- **Um em cada quatro jovens em Portugal já foi vítima de violência no namoro;**
- **21,7% de estudantes admitem já ter adotado comportamentos violentos com os seus parceiros;**
- **35% dos rapazes mostram-se de acordo com as atitudes violentas que justificam, negam ou minimizam;**
- **23% dos rapazes consideram as raparigas como inferiores.¹**

A violência no namoro não é um problema de alguns jovens ou de alguns relacionamentos, mas sim um problema social relevante que é muitas vezes desvalorizado. Tal como nas relações conjugais, também a violência nas relações de intimidade juvenil é um problema sério porque deixa marcas, sendo importante alertar para a gravidade das suas consequências!

VIOLÊNCIA ENTRE NAMORADOS/AS EM CASCAIS?!

A violência nas relações amorosas não conhece barreiras geográficas, estratos sociais, faixas etárias, religiões, etnias e ocorre em todos os casais (hetero e homossexuais).

No ano letivo de 2009/2010, o Fórum Municipal contra a Violência Doméstica de Cascais promoveu a realização de um estudo sobre "Adolescência, Violência e Género no Concelho de Cascais" que envolveu 12 escolas do concelho e cerca de 500 alunos/as do 9º ano de escolaridade. Alguns dos resultados desse estudo, tornam mais clara a necessidade de romper a invisibilidade deste fenómeno e de sensibilizar a comunidade educativa para o mesmo.

III→

- **Um em cada dois jovens inquiridos em Cascais já esteve diretamente envolvido numa situação de violência no namoro;**
- **A violência emocional é a forma de violência mais referida pelos jovens;**
- **O insulto e a proibição de contacto com outras pessoas são as situações com mais frequência referidas quer por agressores quer por vítimas;**
- **11 jovens referiram ter sido obrigadas a praticar atos sexuais não desejados;**
- **Mais de metade dos jovens que foram vítimas de violência no namoro (67%) refere partilhar com amigos/as essa situação e é a eles que pede normalmente ajuda (63%);**
- **Cerca de 8% dos jovens que foram vítimas não conta, nem pede ajuda a ninguém;**
- **A generalidade dos jovens inquiridos em Cascais discorda da prática de atos violentos em relações de namoro.²**



1. Caridade, S. e Machado, C. (2008) *Violência Sexual no Namoro: Relevância da Prevenção*. Psicologia, vol. XXII (1), pp. 77-104, disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psi/v22n1/v22n1a04.pdf>

2. Sebastião, J. (coord.) (2010) *Adolescência, Violência e Género no Concelho de Cascais*. Cascais: CIES/ISCTE/CMC.

PORQUÊ INTERVIR SOBRE ESTE TEMA?

Primeiro, porque o problema de violência no namoro existe e é importante dar-lhe visibilidade! Tendemos, muitas vezes, a negá-lo como se fossem disparates de “miúdos e de miúdas”! A violência em relações de intimidade e, neste caso, em relações de intimidade juvenil não se traduz num único episódio isolado, mas sim num padrão de comportamento que se insere numa dinâmica de poder e de controlo exercida, através de táticas mais ou menos subtis, por uma das pessoas sobre a sua namorada ou namorado.

Segundo, porque deixa marcas e é importante alertar para a gravidade das suas consequências! A violência em relações de intimidade tem consequências imediatas ao nível nomeadamente da dor física ou da humilhação, mas tem também impactos a longo prazo. A perda de confiança em si próprio/a, o receio em exprimir sentimentos, o isolamento da família e amigos, a solidão, a vergonha e a culpa, a incerteza relativamente às suas competências, sentimentos e capacidade de tomar decisões e a dificuldade em manter relações saudáveis e de longo prazo são alguns exemplos destes impactos mais duradouros sobre as vítimas de violência em relações de intimidade.

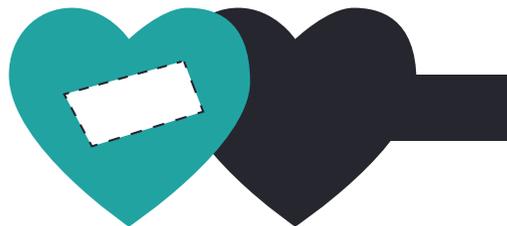
Terceiro, porque queremos relações igualitárias, de respeito mútuo e não violentas! A prevenção da violência no namoro é fundamental para que os/as jovens possam construir relações saudáveis construídas com base na comunicação e no diálogo. Uma relação saudável constrói-se e fortalece-se através do desenvolvimento de capacidades de relacionamento que fomentem: a livre expressão de sentimentos mútuos e a sua valorização; a resolução de conflitos baseada no diálogo e no compromisso; o apoio e encorajamento mútuos; o respeito pela privacidade do outro e do seu espaço individual.

Queremos, por isso, contribuir para romper o silêncio em torno de relações de namoro vividas com medo e sem respeito pelos sentimentos e desejos da outra pessoa. Relações desiguais onde tendemos a desvalorizar medos pequeninos que “apenas” nos incomodam e que seguramente “vão passar”. Porém, são estes medos que, muitas vezes, se vão agigantando e acabam por se transformar em relações que nos vão aprisionando e destruindo.

E que formas de violência podem manifestar-se nestas relações onde não há espaço para a liberdade e para o respeito mútuo? Podem surgir várias formas de violência, nomeadamente emocional, violência física e violência sexual.

A **violência física** refere-se às ações levadas a cabo com a intenção de causar dor ou lesões físicas e de provocar sofrimento à outra pessoa. Este tipo de violência centra-se no uso deliberado da força e pode incluir: bater, prender, pontapear ou socar, esbofetear, agredir com uma arma ou com um objeto, puxar os cabelos, tentar asfixiar.

“A violência em relações de intimidade deixa marcas e é importante alertar para a gravidade das suas consequências!”



A **violência psicológica ou emocional** refere-se a ações ou palavras que são ofensivas, que reprovam intencionalmente as opiniões, valores e ações da outra pessoa e que atacam a sua integridade psíquica. Inclui todas as ações levadas a cabo com a intenção de causar dor emocional, angústia ou desespero. A violência verbal é uma forma de violência emocional e não tem a ver com as discussões entre cônjuges; ela expressa sim uma relação desigual. A violência verbal pode acontecer independentemente do tom de voz usado e tem claramente a intenção de exercer controlo sobre a vítima.

A violência psicológica inclui: gritar, insultar, humilhar; usar um tom ríspido; intimidar e ameaçar magoar, matar, difamar para se obter o que se quer do/a parceiro/a; interromper constantemente ou conduzir a conversa; culpar o outro por tudo; permanecer em silêncio ou ignorar o outro; fazer comentários perturbadores; criticar conscientemente os seus pensamentos ou ações; atemorizar, perseguir, telefonar incessantemente e fazer “esperas”; diminuir a auto-estima, tratando o/a namorado/a como um ser inferior, desvalorizando-o/a; controlar a vida do parceiro/a: as pessoas com quem fala, o tempo que passa com a família e amigos/as, os seus tempos livres, as roupas, o peso, os sms, telefonemas, emails, facebook; isolar o/a parceiro/a, limitar os seus contactos com amigos e família, criticar constantemente as pessoas que são importantes na sua vida e criar situações desconfortáveis com elas; fazer a outra pessoa sentir-se culpada por todos os problemas da relação, transferindo para ela a responsabilidade das próprias agressões.

A **violência sexual** abrange todos os tipos de contacto sexual não consentido que vai desde contactos corporais não desejados até à violação ou tentativa de violação. O contacto sexual com qualquer pessoa incapaz de dar o seu consentimento também é considerado como um abuso sexual. O abuso sexual ocorre frequentemente em circunstâncias que ocultam o carácter violento e abusivo da ação.

“A violência emocional exercida sobre o (ex)namorado ou (ex)namorada foi o tipo de violência que mais frequentemente foi identificada pelos jovens inquiridos em Cascais no ano letivo 2009/2010.”

Quando falamos em violência nas relações de intimidade falamos, sobretudo, de relações amorosas, onde alguém exerce poder e controlo sobre a outra pessoa, com o objetivo de condicionar e limitar os comportamentos dela, de obter o que deseja, causando-lhe prejuízo ou sofrimento físico, psicológico ou sexual.

A violência emocional exercida sobre o (ex)namorado ou (ex)namorada foi o tipo de violência que mais frequentemente foi identificada pelos jovens inquiridos em Cascais no ano letivo 2009/2010. O insulto e a proibição de contacto com outras pessoas foram as situações de violência emocional mais referidas quer por agressores quer por vítimas. A perseguição, o controle, a chantagem, a ameaça, os maus-tratos, a humilhação, os insultos e outras formas de abuso vividas nas relações amorosas deixam marcas – a curto e a longo prazo – muitas delas irreparáveis.

PORQUÊ INTERVIR NA ESCOLA ?

Vários estudos (Sebastião, coord., 2010) sobre agressão e vitimação entre adolescentes em contexto escolar chamam a atenção para a necessidade de envolver a comunidade escolar na elaboração e implementação de programas de prevenção da Violência no Namoro.

III → ♥

É em contexto escolar que muitas e muitos jovens encontram os recursos de apoio e de defesa perante situações de violência no namoro, sendo sobretudo os amigos e as amigas as pessoas com quem mais partilham esse tipo de experiências. É também junto de outros jovens que procuram ajuda perante situações de agressão. Este facto não diminui a importância de outros elementos centrais na vida dos/as adolescentes, como a família ou os professores (Sebastião, coord., 2010).

A escola é também um espaço de socialização para os/as adolescentes onde assume particular relevância a transmissão de regras formais essenciais para o exercício de uma cidadania plena e responsável. A comunidade escolar é, pois um contexto privilegiado para a implementação de programas de prevenção e sensibilização sobre a violência no namoro.

Porém, nem sempre é fácil conseguir essa colaboração. Sabemos que os/as professores/as têm sempre “milhares de coisas para fazer”, que nem sempre é fácil encontrar espaços e tempos para dedicar a (mais) atividades extra-curriculares e, também, que os jovens, rapazes e raparigas, que queremos sensibilizar considera, muitas vezes, esta “conversa” da violência no namoro como uma “coisa de cotas” e com muitos exageros ... Já vimos que “não é bem assim”!



Gostaríamos de evidenciar três tópicos que orientaram todo o nosso trabalho:

A VIOLÊNCIA NO NAMORO É UM PROBLEMA SOCIAL

Embora as situações de violência em relações de intimidade não sejam uma realidade recente, a consciencialização da violência enquanto problema social, em Portugal, data apenas das últimas duas décadas. Não estando a real dimensão do fenómeno não esteja claramente estabelecida a nível nacional, o crescente número de investigações realizadas nos últimos anos, têm permitido confirmar a existência de fenómenos recorrentes de violência nas relações de namoro entre adolescentes, nomeadamente em contexto escolar e universitário. A violência no namoro é um fenómeno transversal à sociedade que abrange jovens de todas as origens socioeconómicas e níveis de escolaridade, residentes em zonas rurais ou urbanas, integrados nos mais diversos tipos de família.

A PARTICIPAÇÃO DOS RAPAZES E DAS RAPARIGAS NO SEU COMBATE É PRIMORDIAL

A prevenção de comportamentos violentos na adolescência exige uma participação de rapazes e raparigas, no sentido de promover um desenvolvimento de competências que previna, nomeadamente, um acentuar das diferenças entre papéis de género e uma consolidação da aceitação da violência como manifestação do amor. Por outro lado, a prevenção e combate à violência no namoro passa necessariamente por um trabalho de informação e de promoção de uma consciência crítica dos jovens com o objetivo de desenvolverem capacidades para lidar com situações de risco quer enquanto vítimas, potenciais agressores ou elementos de suporte, procurando diminuir

a probabilidade de os/as adolescentes se virem a tornar, no futuro, potenciais agressores ou vítimas. A (re)construção de relações livres de violência e de dominação é uma responsabilidade de todos, rapazes e raparigas.

A ESCOLA É UM PARCEIRO, POR EXCELÊNCIA, NESTE TRABALHO DE CONSCIENCIALIZAÇÃO E PREVENÇÃO DO FENÓMENO

A prevenção de comportamentos violentos em relações de namoro pode abranger diversos tipos de ações: prevenção primária, trabalhando com jovens que não tiveram contacto com realidades violentas ou experiências de vitimação; prevenção secundária, intervindo com jovens que apresentam risco de se tornarem vítimas ou agressores em relações de intimidade; prevenção terciária, trabalhando com adolescentes que têm experiência direta de violência no namoro, quer como vítimas, quer como agressores e que procuram ajuda. Estudos realizados em contexto escolar, nomeadamente no concelho de Cascais, mostram a presença destes diferentes perfis e, por isso, da necessidade de desenvolver ações de prevenção nestes três domínios. O potencial impacto dos programas de prevenção, nomeadamente prevenção primária, parece-nos, pois, evidente. Finalmente, o envolvimento da comunidade escolar em programas de prevenção da violência no namoro implica necessariamente um investimento na sensibilização dos agentes educativos e na criação de espaços/tempos de reflexão sobre modelos de relacionamento íntimo e de interação positiva fundamentais para o bom funcionamento da escola enquanto comunidade humana.

02

PREVENIR A VIOLÊNCIA NO NAMORO – UM PERCURSO EM MEIO ESCOLAR

Para chegar à construção deste Guião, foi necessário percorrer toda uma trajetória de desenvolvimento do Projeto que consistiu em diversas etapas.

LINHA DO TEMPO

MOMENTOS-CHAVE NA CONSTRUÇÃO DO PROJETO

O desenvolvimento de todo este processo decorreu ao longo de um período de cerca de onze meses – atravessando dois anos letivos – importando salientar os momentos-chave de concretização das principais atividades



A ABORDAGEM AO TEMA DA VIOLÊNCIA NO NAMORO FOI POR ONDE COMEÇAMOS

É muito importante, construir e partilhar um conjunto de conhecimentos, que sirvam de base a todo o trabalho que aqui se inicia e que possibilite a todas as pessoas envolvidas no processo a compreensão das principais dimensões deste fenómeno e a utilização de uma linguagem comum.

Foram, assim, realizadas duas sessões dinamizadas por duas entidades com um know-how – diferente e complementar – sobre a problemática da Violência no Namoro:

- **CESIS - Centro de Estudos para a Intervenção Social** que tem experiência de investigação sobre o fenómeno da violência doméstica, a nível local, nacional e europeu;
- **Espaço V - Serviço de atendimento e acompanhamento a vítimas de violência doméstica de Cascais**, serviço gerido pela CooperActiva, com experiência direta de atendimento a vítimas de violência doméstica no concelho de Cascais.

As sessões foram realizadas com as professoras que acompanharam todo o projeto, com os alunos e alunas que aceitaram participar, com a entidade promotora do projeto – a **Câmara Municipal de Cascais** – e com a **Associação Teatro Umano**, que foi a entidade responsável pela dinamização e construção das narrativas e respetiva encenação.

Num casal saudável pode dizer-se 'não', ter opiniões diferentes, ter outros amigos e ter interesses diferentes.



DISCUTIMOS TEMAS, IDEIAS E FICÁMOS A PERCEBER MELHOR O QUE É A VIOLÊNCIA NO NAMORO

Nas sessões foram colocadas dúvidas e foram discutidos alguns mitos associados à violência no namoro. Estes mitos são essencialmente os mesmos que se encontram nas relações de intimidade entre adultos, porém, importa destacar alguns³ que poderão estar mais presentes quando se pensa a violência neste tipo de relações:

QUANTO MAIS ME BATES, MAIS EU GOSTO DE TI.

A violência é sempre sentida com grande sofrimento pelas vítimas que vivem frequentemente sob terror uma relação de intimidade. A agressão não deve nunca ser entendida como uma manifestação de amor ou de preocupação pelo outro/a. São vários os fatores que contribuem para que a vítima tenha dificuldade em romper com a relação: não perceção/reconhecimento do abuso de que está a ser alvo, medo de represálias, interiorização de sentimento de culpa inculcado pelo agressor, medo de ficar sozinha/o.

O CIÚME É UMA PROVA DE AMOR.

Os ciúmes servem frequentemente de desculpa para controlar a outra pessoa, sendo interpretados frequentemente como manifestação de amor. Importa saber distinguir entre um sentimento (ciúme) e a utilização desse sentimento para limitar a liberdade da outra pessoa, impedindo-a de se relacionar com outras pessoas de quem também gosta (comportamento abusivo)

OS ADOLESCENTES GOSTAM DESSAS RELAÇÕES OU NÃO CONTINUARIAM COM O NAMORO.

Muitos/as jovens mantêm relações violentas porque têm concepções idealizadas de um "amor romântico" que as/os impede de perceber aquilo que está errado na sua relação, minimizando sucessivamente indicadores de alerta presentes no comportamento do namorado/a. Acreditam que "o amor resiste a tudo" e que pode transformar a pessoa amada. Mantêm-se assim na esperança de uma mudança que nunca chega e que é alimentada por um ciclo que a/o vai aprisionando: o chamado "ciclo da violência" (acumulação de tensão, explosão violenta e "lua-de-mel").

A VIOLÊNCIA TERMINA COM O FIM DA RELAÇÃO AMOROSA.

A separação ou a tentativa de terminar o relacionamento é geralmente considerada um fator de risco de agravamento da violência. A sensação de perda de controle da situação e de perda de poder sobre a namorada ou namorado pode fazer despolarizar comportamentos mais agressivos com o intuito de voltar a dominar o relacionamento. O fim da relação é assim uma etapa particularmente sensível do ponto de vista do risco acrescido de violência, pelo que deverá ser devidamente acautelada e apoiada.

É MELHOR TER UM/A NAMORADO/A VIOLENTO/A DO QUE NÃO TER NAMORADO/A.

A importância da opinião dos pares é crucial na fase da adolescência. Ter um/a namorado/a é frequentemente um indicador importante de sucesso entre pares, o que suscita grande pressão entre adolescentes e jovens. Esta pressão funciona por vezes como um travão para terminar uma relação violenta. O/a jovem procura manter a relação para não se sentir só e/ou para não se confrontar com a eventual desaprovação do grupo de pares face ao seu "insucesso amoroso". Importa recordar que cada um de nós tem a sua própria identidade e a sua dignidade independentemente de viver, ou não, uma relação amorosa.

UMA BOFETADA OU UM INSULTO NÃO É VIOLÊNCIA E NÃO FAZ MAL A NINGUÉM.

Qualquer ato de agressão é violência, quer se trate de violência física ou emocional. É frequente que formas aparentemente menores de violência possam ser facilmente desvalorizadas. Todas têm consequências negativas e revelam uma incapacidade da pessoa que agride em resolver conflitos através do diálogo e de formas de comunicação não violenta. Um ato de violência aparentemente isolado poderá "facilmente" tornar-se num padrão de comportamento, pelo que não deverá ser tolerado. Nenhum tipo de violência é aceitável.

NÃO EXISTE VIOLÊNCIA SEXUAL NO NAMORO.

A violência sexual numa relação de intimidade nem sempre é percebida pela vítima como tal. O amor sentido pela pessoa com quem se tem uma relação de intimidade e a vontade de agradar ao/à outro poderá levar a vítima a ceder à pressão do/a parceiro/a desvalorizando esse abuso. Uma sexualidade feliz e saudável depende sempre do consentimento e da vontade dos dois. Algumas das estratégias utilizadas na tentativa de exercer este tipo de violência podem envolver o recurso a chantagem, a manipulação, a ameaças, a força ou a incapacitação através de álcool ou drogas. A violência sexual inclui qualquer contacto de tipo sexual não desejado (apalpos, beijos), bem como violação e/ou tentativa de violação.

QUANDO SE GOSTA DE ALGUÉM DEVE-SE FAZER TUDO O QUE ELE/A GOSTA.

Num casal saudável pode dizer-se 'não', ter opiniões diferentes, ter outros amigos e interesses diferentes. Os elementos de um casal são pessoas independentes com vida e vontade próprias. Uma relação em que uma das pessoas abdique de si própria para viver em função das necessidades, exigências e imposições da outra pessoa não é uma relação saudável, mas sim uma relação violenta.



3. Os conteúdos da apresentação da maior parte dos mitos aqui incluídos foi adaptada do folheto desenvolvido no âmbito da Campanha desenvolvida pela CIG "Namoro violento não é amor" e do Guia para a Ação desenvolvido pelo GRAAL "Jovens contra a Violência no Namoro".

OS RAPAZES NUNCA SÃO VÍTIMAS EM RELAÇÕES DE NAMORO.

Embora as raparigas e as mulheres sejam as principais vítimas de violência em relações de intimidade (relações conjugais ou relações de namoro), vários estudos sobre a violência no namoro têm demonstrado que os rapazes também podem ser vítimas de violência física, emocional e/ou sexual. No estudo realizado em 2009, nas escolas do concelho de Cascais, dos cerca de 50% de jovens que tinham estado envolvidos em situações de violência no namoro, uma percentagem significativa tinha sido simultaneamente vítima e agressora (30%). Embora as raparigas apresentassem um índice de vitimação no namoro superior ao dos rapazes, estes apresentavam índices de vitimação superior às raparigas nalguns tipos específicos de violência.

FIM DOS MITOS.

A realização destas sessões foi fundamental para a classificação dos conceitos, para discutir as nossas próprias perceções sobre o que é a violência no contexto de relações de intimidade, sobre aquilo que achamos “normal” ou tendemos a normalizar.

Este trabalho prévio de discussão sobre o tema central do Projeto entre as diferentes pessoas a envolver nas diferentes etapas foi fundamental, sendo imprescindível que o mesmo seja orientado por uma equipa com sólidos conhecimentos sobre a temática.

Existem alguns recursos que podem ser utilizados ao longo do desenvolvimento do Projeto sempre que se sentir a necessidade de “regressar” ao tema. O site da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG) tem um manancial de informação sobre esta matéria, desde publicações, legislação, produtos desenvolvidos por diversas entidades, etc., a que é muito fácil aceder. Existem, ainda, outros sites onde pode ser encontrada informação útil a este respeito, quer no contexto nacional, quer internacional (ver sítiofografia no final do Guião).

Depois desta primeira abordagem ao tema, foram combinados encontros com os/as alunos/as para a construção de três pequenas histórias que abordassem diferentes aspetos da violência no namoro e que fossem passíveis de serem encenadas na perspetiva do Teatro Debate.

CONSTRUÍMOS TRÊS PEQUENAS HISTÓRIAS NA PERSPETIVA DO TEATRO DEBATE

O Teatro Debate é uma técnica de jogo teatral adaptada pelo Teatro Umano,⁴ utilizada na metodologia de solução criativa de problemas pela facilidade em demonstrar de forma dinâmica, rápida e apelativa, os problemas e conflitos de uma determinada temática.

Esta metodologia leva os/as participantes-alvo a refletir sobre os problemas inerentes a uma determinada temática (neste caso, a violência no namoro) e sobre as várias alternativas que dispõem para os ultrapassar.

O Teatro Debate é, assim, distinto do teatro tradicional, uma vez que há necessidade da assistência. Deste modo, começa-se com a realização de uma cena que fica em aberto com o intuito de o próprio público identificar e solucionar os problemas levantados, e dando-lhes a possibilidade de representarem as suas sugestões na repetição da própria cena. Neste caso, a seguir a cada cena ilustrativa de situações de violência no namoro, aparece a/o jovem que faz o papel de vítima e que questiona: E tu como reagiras?

III→

São apresentadas três pequenas histórias que visam a identificação do público com as personagens e tema do debate. Num segundo momento, realiza-se um debate sobre as problemáticas levantadas durante representação das cenas. O público que assiste, não concordando com determinadas atitudes ou comportamentos das personagens, propõe a alteração da história oferecendo soluções para os problemas representados na peça. Ao apresentarem a proposta, os elementos do público são convidados a representá-las em palco, tornando-se assim os/as protagonistas da mudança de comportamentos – passam a ser atores, deixando de ser meros espectadores. Estas situações são seguidas de debate e discussão procurando-se, desta forma, aprofundar a compreensão das relações violentas e reforçar competências sociais positivas.

Esta modalidade de intervenção baseia a aquisição de competências no “fazer” e não no “falar sobre”, promovendo a experimentação através da participação ativa na alteração de determinadas situações, no sentido de reconstruir as relações baseadas na dominação e na violência. Proporciona-se, assim, aos jovens a possibilidade de experienciarem soluções alternativas para os problemas.



VER CAPÍTULO TEATRO DEBATE NO DVD



03

AMOR COM AMOR, CHAPADA!? O FILME E A SUA UTILIZAÇÃO EM CONTEXTO ESCOLAR

Com o objetivo de criar uma ferramenta de debate e utilizando a metodologia do Teatro Debate, o grupo de jovens participantes, com o apoio das professoras do Agrupamento de Escolas da Cidadela e dos profissionais do Teatro Um-ano, construíram um conjunto de histórias ilustrativas do tema, com vista à sua representação.

“É muito importante que professoras, professores ou outros profissionais tenham conhecimento sobre o que é a violência no namoro e sobre a sua contextualização enquanto manifestação do fenómeno mais abrangente da Violência Doméstica.”

O filme **Amor com Amor, Chapada!?** foi, assim, construído com o objetivo de se poder constituir como uma ferramenta de debate com alunos e alunas em contexto escolar, mas também noutros contextos de trabalho com adolescentes.

É muito importante que professoras, professores ou outros profissionais tenham conhecimento sobre o que é a violência no namoro e sobre a sua contextualização enquanto manifestação do fenómeno mais abrangente da Violência Doméstica. Para além da possibilidade de enquadramento da temática através de sessões específicas com equipas especializadas na temática, existe também um conjunto de recursos online que poderão ser de grande utilidade e que se encontram identificados na seção “Sitiografia”, no final deste guião.

Importa aqui salientar que o recurso a pessoas com um conhecimento específico no domínio da violência doméstica que possam dinamizar sessões introdutórias sobre a temática é uma mais-valia importante e deverá ser priorizada, sempre que tal for possível.

O filme é constituído por três cenas:

- 1 - Os ciúmes,**
- 2 - Cyberbullying**
- 3 - Um comportamento abusivo.**

Para uma utilização mais simples, sugere-se uma visualização do filme, com a realização de pausas depois de cada cena. No final de cada episódio, pede-se aos jovens para encontrarem saídas para aquela situação, ou seja, para a resposta à pergunta:

**“E tu,
o que farias?”**

Nesta etapa, colocam-se várias possibilidades:

HIPÓTESE A

Apresentam-se as alternativas propostas pelo filme e pede-se a opinião, de forma aberta, sobre o que pensam daquela forma de resolver o problema. A resposta deve impulsionar a apresentação de outras hipóteses (dica: construir um mural em papel cenário com as diferentes hipóteses em texto ou imagem);

HIPÓTESE B

Os/as professores/as podem pedir que os/as próprios alunos/as representem ou discutam outras saídas para a situação, antes (ou em alternativa) à apresentação das hipóteses apresentadas no filme.

HIPÓTESE C

Os/as docentes podem propor aos/as alu-

nos/as que construam cartazes para uma campanha a ser realizada na escola, desenhos para uma exposição ou peças artísticas.

A forma como é trabalhado o tema da violência no namoro, ficará ao critério dos/as docentes consoante os interesses dos/as jovens e a disciplina que estão a frequentar. Porém, é fundamental que cada aluno/a possa exprimir a sua opinião dizendo - eu faria assim...

O importante ao trabalhar os conteúdos das diferentes histórias- independentemente da forma utilizada - é que haja uma discussão aberta sobre o tema, incentivando-se os jovens e as jovens a falar e a discutir.

Importa ter em atenção que:

- **Não é aconselhável fazer juízos de valor ou emitir opiniões moralistas;**
- **É fundamental falar de limites e da razão pela qual se poderá estar a ultrapassar os limites da liberdade da outra pessoa;**
- **É imprescindível que se vá balizando o que pode ou não constituir uma situação de violência no namoro, desconstruindo estereótipos e mitos associados a este tipo de fenómeno.**



AS HISTÓRIAS PASSO A PASSO...

O filme é constituído por três histórias que se desenrolam em diferentes cenários, e nos quais as personagens vão interagindo em torno de um conflito que tem por base situações que ilustram diversas dimensões do fenómeno da violência em relações de namoro.

As histórias transcritas neste capítulo correspondem às narrativas tal como foram escritas pelo conjunto de jovens durante a respetiva fase de construção. Porém, elas não correspondem de forma exata aos conteúdos do filme que integra o Kit onde este guião se inclui, uma vez que os diálogos, ao serem representados pelos jovens, iam sofrendo alterações.

As três histórias que aqui se transcrevem são, no essencial, as mesmas que integram o filme e que foram representadas na apresentação do teatro debate, pelo que as orientações que, em seguida, se incluem relativamente a cada cena, foram desenvolvidas com a finalidade de orientar a visualização do filme e a discussão que deverá acompanhar esse processo.

A transcrição das narrativas das três cenas preparadas no contexto do Projeto poderá igualmente ser aproveitada para posterior encenação teatral, com o necessário acompanhamento específico que essa encenação naturalmente exige.



“As histórias apresentadas neste capítulo correspondem às narrativas tal como foram escritas pelo conjunto de jovens durante a respetiva fase de construção. Porém, eles não correspondem de forma exata aos conteúdos do filme que integra o Kit onde este guião se inclui, uma vez que os diálogos, ao serem representados pelos jovens, iam sofrendo alterações.”



“OS CIÚMES”

Local: na praia

Tema: violência psicológica e física do rapaz sobre a rapariga

Ação, personagens, conflito: o namorado é violento com a namorada, na sequência do “comportamento” dela com um amigo

Questão para debate: E tu, o que farias?

Três Hipóteses de comportamentos alternativos: manutenção da relação/resignação; rutura; manutenção da relação/afirmação.

“Os ciúmes” remetem para uma situação de violência no namoro, onde se explora um dos mitos mais frequentes associados à violência no namoro (e à violência em relações de intimidade, na sua generalidade): “o ciúme é uma prova de amor”.

CENA 1

(Grande plano da praia. Vários amigos chegam ao areal e encontram a Inês e o André envolvidos numa grande cumplicidade que, no entanto, é mesmo apenas amizade. Entretanto, o namorado dela não gosta muito do que vê, e faz um sinal ao André, convidando-o a dar um mergulho. Os dois amigos correm para o mar, mergulham e nadam até as rochas)

Namorado: Não queres ir nadar, tipo mariposa ou de bruços?

André: Bora lá.

Namorado: Tás a ver a Inês?

André: Sim, o que se passa?

Namorado: Ouve lá, não achas que ‘tás a abusar um bocado?

André: Porquê?

Namorado: Porquê? A Inês está sempre contigo, andam sempre os dois a conversar.

André: Mas qual é o mal? Somos bué amigos já a conheço desde a escola primária. Ouve, é a minha mana Inês!

Namorado: Não gosto disso.

André: Não pensei que fosse problema. Não faças filmes onde não há! Nós somos só amigos.

(Depois de conversarem, saem da água e vão ter com o grupo)

um gelado. Ela vai à frente, quando, subitamente, o namorado a puxa)

Namorado: Não gosto das tuas cenas com o André!

Inês: Mas ele é meu amigo, não faças uma tempestade num copo de água.

Namorado: Mas eu sou o teu namorado.

Inês: Sim, és o meu namorado, e ... ?

Namorado: Ai sim, e gostavas que eu fizesse o mesmo com a Priscila?

Inês: É-me indiferente. Somos todos amigos, não há problema, é só amizade!

(Inês avança para ir comprar o gelado e o namorado puxa-a, agarrando-a firmemente)

Namorado: Se tu achas que podes gozar comigo na cara e depois sair ilesa, ‘tás muito enganada, ninguém me faz passar por parvo! Ainda por cima ao pé da malta!

(O namorado empurra-a e ela levanta-se e afasta-se)

(A Inês passa junto ao André.)

André: Anda cá Inês. Então, não compraste o gelado?

Inês: Não. Agora não!

(O André tenta chegar mais perto dela, mas ela recua e afasta-se vendo os olhares intimidantes do namorado)

CENA 2

(Na geladaria. A Inês e o namorado vão comprar

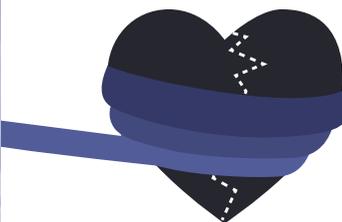
CENA 3

(A Inês chega ao grupo, pára e olha para a câmara)

Inês: E tu, o que farias?

(No ecrã aparecem três hipóteses)

←III



PROPOSTA DE DISCUSSÃO

Como vimos, um dos mitos associados à violência no namoro prende-se com o facto de se considerar o ciúme como uma prova de amor, o que justificaria a aceitação de comportamentos violentos despoletados por este tipo de sentimento.

É fundamental discutir com os/as jovens a importância de saber distinguir entre o que se sente e o que depois se faz com esse sentimento. Não é de todo descabido que o namorado tenha sentido ciúmes da Inês, ou que alguém sinta ciúmes quando uma terceira pessoa, neste caso o amigo de infância, o André, passa muito tempo com a namorada e demonstram uma enorme cumplicidade. É importante conseguirmos expressar as nossas opiniões e sentimentos. O namorado poderia ter verbalizado o seu desconforto em relação ao amigo de Inês e depois da resposta dela ter continuado a sua relação de uma forma saudável e livre de pressões. A violência tem início quando o namorado usa os ciúmes que sente para limitar a ação de Inês impondo a sua vontade, dizendo com quem ela deve ou não estar. É nesta altura que é importante dizer **NÃO!**

Por outro lado, estamos aqui perante um estereótipo de género: as raparigas quando têm amigos, não pode ser apenas amizade, “alguma coisa mais se deve passar...” Neste sentido, poder-se-ia questionar o grupo diretamente:

Então e se em vez de ser um amigo fosse uma amiga?

Como reagiria o namorado perante essa cumplicidade “exagerada”?

A presença dos estereótipos de género está também presente quando o namorado chama André para “conversar entre homens”: estas coisas resolvem-se com conversas de homens. Paulo parece alimentar a expectativa de que entre os dois conseguirão definir os papéis “adequados” de amigo e amiga e respetivos comportamentos, resolvendo assim a situação, “evitando” envolver Inês numa decisão, como se esta não lhe dissesse respeito. É importante ser intolerante com comentários de rapazes e de raparigas que apontem para que a Inês é que andava a provocá-lo ou que estava a dar confiança demasiada ao amigo. É muito fácil a vítima cair na armadilha da culpa:

“O que é que eu fiz?”, “Não devia ter falado tanto com o André!”, “Se calhar abusei...”.

É importante discutir a questão dos ciúmes com os/as jovens, propondo-se uma abordagem que inclua alguns temas cruciais suscitados pela ação descrita:

- **Distinção entre sentir e vagir;**
- **Amizade e estereótipos de género;**
- **A importância dos grupos de pares;**

Finalmente, o facto de o namorado dizer “Não me vais fazer passar por parvo ao pé da malta!”, ilustra de forma clara um aspeto fundamental característico das situações de violência entre adolescentes: a importância da pressão dos grupos de pares. Para Paulo, é fundamental, não apenas controlar Inês, mas também mostrar ao grupo que mantém a namorada sob o seu controlo. Durante a discussão com os/as jovens, convirá não esquecer o peso socializador do grupo

de pares nesta fase da adolescência e a forma como ele se materializa no espaço da própria escola. É aqui que ocorre a maioria das interações com esse grupo, sendo a sua influência inevitável no que toca à estruturação e reestruturação de práticas, valores e representações. Neste sentido, importa discutir com o grupo de que forma esse “poder dos pares” pode ser usado de forma positiva, mobilizando-o para apoiar e prevenir situações de abuso entre jovens.



AS HIPÓTESES

1ª Hipótese

(O namorado e Inês voltam ao grupo de amigos. Grande plano de Inês triste. Inês não gosta como ele a trata mas tenta desculpá-lo, dizendo a uma amiga que ele anda com muitos problemas em casa e com o stress descarrega a sua agressividade nela. Diz-lhe que ele é muito ciumento controlando-a sempre.)

Inês: Mas eu gosto dele! Tenho de o entender não é?

2ª Hipótese

(A Inês chega ao grupo com o namorado e aproxima-se duma amiga, que é da sua total confiança, para desabafar)

Inês: Nem sabes o que aconteceu!

Amiga: Então?

Inês: O Paulo teve a lata de me ameaçar! Olha agora, eu não estou para aturar isto!

Amiga: Dá-lhe com os pés e vira-lhe as costas, larga-o mas é!

Inês: É melhor, porque eu não sou uma boneca a quem ele pode dizer o que fazer ou não.

Amiga: Yaaa, tens razão, é isso mesmo.

3ª Hipótese

(A Inês chega ao grupo com o namorado e o André aproxima-se, enquanto o namorado, atrás dela, a puxa pelo braço sem ninguém se aperceber.)

Inês: Para! Eu não vou deixar de ser amiga dele por isso! (encolhe os ombros)

A **primeira hipótese** é a que deverá gerar maior polémica e é importante pedir para esclarecer fundamentadamente os motivos que levaram a uma concordância com essa opção. A compreensão dos sentimentos vividos em determinado momento pela pessoa com quem se tem uma relação de intimidade, não deverá ser confundida com desculpabilização de atitudes violentas. Não há nenhum problema familiar, que justifique uma atitude violenta para com a namorada. Esta situação pode ter sido pontual e não se repetir, ou pode ser o início de uma relação violenta, não igualitária e sem respeito mútuo. Importa não esquecer que uma das características das relações conjugais violentas, é que a violência evolui frequentemente num crescendo, não se confinando a situações pontuais. É importante alertar os/as jovens para esta possibilidade e consciencializá-los de que a violência é um ciclo difícil de quebrar e que a minimização destas situações leva a uma negação dos direitos da vítima e a uma cada vez maior naturalização deste tipo de comportamentos.

Na **segunda hipótese**, Inês opta por parar com a relação de namoro, tornando claro que não tolera o controlo a que o namorado a sujeita. A argumentação utilizada por Inês junto da amiga pode suscitar o debate em torno de questões como aquilo que diferencia uma relação saudável de uma relação não saudável.

Na **terceira hipótese**, Inês decide parar com a opressão exercida sobre si, mantendo a relação com o namorado mas deixando claro que não vai deixar de se dar com o amigo. Nesta última alternativa, poderá ser particularmente útil explorar com o grupo

de jovens diferentes posicionamentos existentes no grupo relativamente às opções tomadas por Inês nas hipóteses 2 e 3. De facto, embora exista uma diferença fundamental entre as duas hipóteses sugeridas – rutura e manutenção do relacionamento – em ambas, Inês exerce uma escolha. Em ambas, ela recusa ceder ao comportamento controlador e abusivo do namorado e tem plena consciência de que está a ser sujeita uma tentativa de controlo que não é aceitável numa relação de namoro que tem de ser pautada pelo respeito mútuo. Inês exerce livremente uma escolha relativamente à sua relação e esse é um aspeto fundamental a valorizar. Em que medida as duas decisões de Inês poderão vir ou não a ter o mesmo resultado em termos de uma rutura com a situação de violência é algo que ninguém poderá assegurar, uma vez que o comportamento violento é da responsabilidade de quem o pratica (e não termina necessariamente com o fim de uma relação) e não de quem a ele é sujeito. Finalmente, importa igualmente realçar que é normal existirem conflitos no contexto de relações amorosas. Os conflitos surgem em diversas ocasiões. Não devem evitar-se os conflitos a qualquer custo. Estes podem ser construtivos e permitir que as pessoas e a relação cresçam. Os conflitos resolvem-se através do diálogo e da procura conjunta de soluções. Não há que temer os conflitos, pois eles ajudam a construir uma relação saudável a dois. Pelo contrário, a violência é sempre negativa e destrutiva. É uma forma inaceitável de resolver conflitos.

Nas relações saudáveis existe:

RESPEITO pelas opiniões de cada um/a.

CONFIANÇA, mesmo que haja opiniões, comportamentos ou gostos diferentes.

APOIO e entreajuda.

SEGURANÇA e partilha de momentos livres de violência.

HONESTIDADE e convivência sem julgamentos, manipulações ou insinuações.

RESPONSABILIDADE e consciência pelos próprios comportamentos e atitudes.

LIBERDADE pessoal, sem invasões ao espaço do outro e **SEM VIOLÊNCIA**.

CONFLITOS E DESENTENDIMENTOS, que se resolvem através da **NEGOCIAÇÃO** e da procura conjunta de soluções, recusando sempre a violência.

Espaço para expressar sentimentos, incluindo **CIÚME**, sem nunca o utilizar como desculpa para agredir, magoar, assustar ou humilhar a outra pessoa.

Nas relações não saudáveis existe:

PODER, CONTROLO e **INTIMIDAÇÃO**, através de ações verbais ou físicas que causam medo.

ISOLAMENTO e controlo dos passos, atividades e amizades da outra pessoa.

NEGAÇÃO do impacto negativo que os comportamentos agressivos, intimidatórios ou violentos têm na outra pessoa.

AMEAÇAS e **PRESSÕES**.

VIOLÊNCIA física, verbal, emocional, psicológica, sexual e/ou financeira.⁵

5. Adaptado de "LEAD - Informar para prevenir" disponível em <http://apavparajovens.pt/pt/go/relacoes-saudaveis-e-nao-saudaveis>



“CYBERBULLYING”

Local: na sala de aula e na biblioteca escolar

Tema: violência psicológica da rapariga sobre o rapaz

Ação, personagens, conflito: a ex-namorada procura humilhar o seu ex-namorado, na sequência do mesmo a ter deixado e ter iniciado nova relação

Questão para debate: E tu, o que farias?

Duas hipóteses de comportamentos alternativos: afirmação/não cedência; reciprocidade da violência

Em “Cyberbulling” os/as jovens retratam uma situação de violência psicológica no contexto de uma relação de namoro que já tinha terminado e onde a agressora utiliza as redes sociais para humilhar o ex-namorado, com a exposição de imagens íntimas.

CENA 1

(Os alunos estão na biblioteca escolar, na sala dos computadores, a fazer um trabalho em PPT. É um trabalho a pares, mas há dois grupos com três membros, sendo que num deles estão três raparigas, a Ana, a Rita e a Marta, e no outro estão três rapazes, o Rodrigo, o Martim e o Lucas.)

Rita: Oh! Pessoal, a stora bazou! Bora ao Face!

Alunos: Bora... Bora...

(Todos os alunos param os seu trabalhos e fazem login no Facebook, mas num dos pares, uma rapariga, a Maria, começa com suspiros e a olhar para o Rodrigo.)

Marta: Oh Ana!

Ana: Que foi, Marta?

Marta: Olha ali a Maria a dar a mão ao Rodrigo!

Ana: Olha a esperta, ahn! Eu já faço com que isso pare. Eu vou assegurar o meu poder nessa relação.

Rita: Como 'tás a pensar fazer isso, vocês já nem sequer 'tão juntos!

Ana: Oh Ritinha, pensa bem, 'tá toda a gente no Face! Basta eu postar umas coisinhas sobre ele e a Maria nunca mais vai ter coragem de olhar para ele... (ri à gargalhada)

Rita: Isso é um bocado mau, lembra-te, ele é só o teu ex.

Marta: Oh, mas a Ana sabe o que faz... Aaah! 'Tou para ver a cara dele... o que vais postar?

Ana: Oiçam bem meninas! Primeiro, uma pequena verdade que ele me contou sobre dormir com um ursinho de peluche e uma foto para o provar; segundo, uma imagem dele a beijar o Lobisomem do Crepúsculo.

(A Ana, a Rita e a Marta começam a postar e todos os outros a receber. Todos os alunos, ao lerem e verem aquilo, começam a falar baixo aos ouvidos uns dos outros e a olhar para o Rodrigo, enquanto se riem)

Lucas: Oh mano, 'tá toda a gente a olhar para ti e a rir.

Rodrigo: O quê? Mas o que se passa? (faz uma cara de espanto e olha para os seus colegas)

Martim: Aaah! Oh pessoal, eu acho que sei o que se 'tá a passar. Olhem aqui! A Ana postou umas cenas sobre ti (olha para o Rodrigo e aponta para o computador)

Rodrigo: Mas... Mas... Como é que a Ana foi capaz?!

(O Rodrigo levanta-se e sai a correr da sala dos computadores em direção à sala da leitura. Enquanto isso acontece, todos os outros se riem e apontam para o Rodrigo e para a Ana. A Rita e a Marta fazem um sorriso de gozo.)

CENA 2

(O Rodrigo chega à sala de leitura e senta-se, com ar abatido, numa mesa. De repente, por detrás dele, aparece a Ana e senta-se à sua frente.)

Rodrigo: A sério, Ana, como foste capaz?!

Ana: Capaz do quê, fofinho? Já te disse que não fui eu.

Rodrigo: Oh, Ana, poupa-me! És mesmo cínica! E tudo porque acabei contigo... mas já vi que fiz muito bem!

Ana: Como?! Então se achas que fizeste bem, enganas-te... e também tudo o que eu escrevi é verdade. Eu só queria partilhar com os meus amigos e especialmente com a Maria... (tom irónico, como se não soubesse que o que fez foi grave)

Rodrigo: Partilhar?! São coisas minhas... E o que tem a Maria a ver com isto?!

(A Ana aproxima a sua cara da dele)

Ana: Chega de te fazeres de coitadinho, ok?! Eu bem vi como ela olhava para ti, e vocês de mão dada... Olha que isto foi só um pequeno aviso para saberes que não brincas comigo. Eu é que mando e, para o teu bem, é bom que voltes para mim. E se isso não acontecer, olha que eu sei muitas mais coisas que não me importava de partilhar com a turma...

(A Ana faz-lhe uma festinha, vira costas, com um sorriso maquiavélico e vai ter com a turma)

CENA 3

(O Rodrigo olha para a câmara)

Rodrigo: Então e tu, o que farias?

(No ecrã aparecem duas hipóteses)



PROPOSTA DE DISCUSSÃO

“Ciberbullying” permite-nos abordar algumas dimensões importantes da violência em relações de namoro e, à semelhança da história anterior, permite-nos discutir alguns dos mitos associados à violência no namoro: “nas relações de namoro os rapazes nunca são vítimas”, “a violência termina com o fim da relação amorosa” e “a violência no namoro é coisa de crianças, não é para levar a sério”.

Um primeiro aspeto a discutir com os jovens e as jovens prende-se com a generalização que habitualmente é feita sobre a **improbabilidade de os rapazes serem vítimas de violência em relações amorosas**. De facto, embora o crime de violência doméstica abarque um leque variado de situações, a sua grande maioria ocorre em contextos de conjugalidade e as vítimas são maioritariamente do sexo feminino e os agressores do sexo masculino. Já no que respeita à violência no namoro e à sua relação com as questões de género, alguns estudos têm salientado que se verifica uma maior simetria de género na perpetração e vitimação em situações de violência (Sebastião, coord., 2010).

De facto, as situações de violência em relações de intimidade entre adolescentes assumem necessariamente características diversas das que ocorrem em contexto de conjugalidade. Desde logo, estamos perante relações de intimidade que ocorrem num período de iniciação e experimentação no que se refere quer ao estabelecimento de relações íntimas, quer ao desenvolvimento de competências sociais para lidar com situações de tensão e de conflito. Alguns autores (Sebastião, coord., 2010) salientam, a este propósito, a importância de um investimento, neste período da vida dos jovens, na prevenção de comportamentos violentos “porquanto é nesta faixa etária que se podem acentuar as diferenças entre papéis de género, consolidando-se eventualmente a aceitação da violência como uma versão do amor ou como aceitável em certas circunstâncias. É de salientar ainda que se trata de um período especialmente propício ao contacto com diversos mitos sobre as formas ideais de estabelecimento de relações românticas (indissolubilidade, associação do amor ao sofrimento), concepções essas que podem aumentar o risco de envolvimento ou aceitação passiva de formas de relação abusivas.” (Sebastião, coord., 2010: 16)

Uma segunda dimensão importante desta narrativa é o facto de estarmos **perante uma situação de violência que ocorre após o fim da relação entre namorados**. É importante consciencializar os/as jovens que existem situações de violência que se iniciam ou se agravam com o romper da relação. O desejo de posse e de controlo não pára com o fim da relação! É frequente assistirmos a uma intensificação da violência precisamente quando o/a agressor/a sente que está a perder o controlo que tinha sobre a relação e sobre a outra pessoa. O facto de a pessoa ter sido preterida por outra pode precisamente despoletar situações agressivas como esta que aqui se encontra representada.

É importante consciencializar os/as jovens que existem situações de violência que se iniciam ou se agravam como romper da relação. O desejo de posse e de controlo não pára com o fim da relação!

Finalmente, a ideia de que **“a violência no namoro é coisa de crianças, não é para levar a sério”** encontra, nesta narrativa, os ingredientes necessários para ser discutida com os/as jovens após a visualização do filme. A ridicularização, a humilhação, a exposição de pormenores sobre a vida pessoal de alguém não é uma brincadeira! Estas são formas típicas de exercer abuso emocional sobre outra pessoa. A aparente brincadeira - “postando no Face” determinadas imagens do Rodrigo - serve para o ridicularizar (e intimidar), tentando destruir “coisas” que são importantes para a vítima; neste caso, a sua imagem junto dos pares. Importa recordar que a identidade social de cada um/a de nós se constrói, em grande medida, com base na imagem que temos de nós próprios, sendo que essa imagem também se constrói com base na imagem que os outros fazem de nós. Importa também recordar que as pessoas têm diferentes formas de lidar com este tipo de situações, sendo que as consequências podem ter efeitos mais ou menos graves, mais ou menos duradouros sobre as vítimas. A violência em relações de namoro não é, pois, coisa de crianças e deve ser levada a sério!

AS HIPÓTESES

1ª Hipótese

(O Rodrigo entra na sala e agarra a sua mochila, enquanto toda a gente ri dele)

Aluno/a: Oh Rodrigo, um dia destes tens de me emprestar o teu ursinho de peluche para eu também dormir com ele!

Aluno/a: Ahh! E também tens de me ensinar a cantar assim!

(Toda a turma ri e o Rodrigo sai da sala com a Maria ignorando a atitude da turma. Não cede, nem agride)

2ª Hipótese

(O Rodrigo entra na sala e toda a gente começa a rir. Ele ignora, senta-se no seu lugar e começa a postar coisas sobre a Ana. Todos começam a falar baixo, aos ouvidos uns dos outros, enquanto olham para ela, a rir)

Marta: Oh Ana, olha o que o Rodrigo postou... É uma foto tua cheia de borbulhas, com dois totós e com um vestido que parece da tua avó.

Ana: Ahn, o quê? Oh my god, não acredito, Rodrigo?!

Rodrigo: Oh bebé, nunca ouviste dizer que ex-amor com ex-amor se paga! (tom irónico)

As duas hipóteses construídas pelos/as jovens relativamente a esta história ilustram de forma clara o "poder" do grupo de pares no incentivo e manutenção de atitudes e comportamentos de abuso, neste caso, emocional. Neste sentido, será particularmente útil questionar o grupo sobre o que poderia ter acontecido caso os comportamentos das amigas da ex-namorada tivessem sido diferente, bem como sobre a reação dos/as restantes colegas. Importa, pois, discutir com o grupo de que forma esse "poder dos pares" pode ser usado de forma positiva, mobilizando-o para apoiar e prevenir situações de abuso entre jovens. As amigas podiam ter ajudado a parar o abuso emocional em vez de compactuar com a atitude da Ana, mostrando que ela não tem o direito de limitar as escolhas do Rodrigo, de o humilhar, de o chantagear emocionalmente. Porém, as amigas incentivam-na a prosseguir com a vingança contra o Rodrigo.

Por outro lado, se em algum momento o grupo tivesse funcionado como censura à atitude de Ana, a situação poderia não ter avançado. Aquando da discussão desta cena com os/as alunos/as é muito importante realçar o papel que os/as outros/as jovens podem ter no sentido de dizer STOP à violência! É provável que surjam posicionamentos por parte de alguns/as jovens no sentido de banalizem as consequências que esta situação pode trazer a Rodrigo. É, por isso, fundamental reforçar as consequências negativas que este tipo de situações pode ter, pedindo aos/as próprios/as que as identifiquem. A humilhação que Rodrigo sente com a exposição da sua intimidade e dos "seus segredos" pode levar ao isolamento, à dificuldade em encetar novos relacionamentos, a confiar nas outras pessoas, etc.

As hipóteses apresentadas situam-se entre o ignorar a violência ... e sair da situação ou vingar-se fazendo o mesmo. Uma vez mais a discussão em torno destas hipóteses pode ser bastante produtiva, nomeadamente sensibilizando o grupo para o facto de estarmos perante um comportamento violento, independentemente da maior ou menor capacidade individual de lidar com este tipo de situações. Se o Rodrigo parecer a capacidade de enfrentar este tipo de ataques à sua imagem e de não ceder a este tipo de pressão, outro/a jovem poderá não ser capaz de reagir desta forma. Para além das consequências imediatas despoletadas por este tipo de atitudes, poderá haver consequências de longo prazo, nomeadamente afetando a auto-estima da vítima, levando-a a isolar-se dos outros, e tornando-a mais vulnerável. Poderá ser igualmente interessante

incentivar os/as jovens a propor hipóteses alternativas àquelas que são sugeridas no filme, nomeadamente introduzindo diferentes tipos de comportamentos por parte dos restantes intervenientes na cena.

“A humilhação que Rodrigo sente com a exposição da sua intimidade e dos “seus segredos” pode levar ao isolamento, à dificuldade em encetar novos relacionamentos, a confiar nas outras pessoas, etc.”





“UM COMPORTAMENTO ABUSIVO”

Local: na sala de aula e num canto de um pavilhão

Tema: imposição de nível sexual do rapaz sobre a rapariga

Ação, personagens, conflito: o namorado tem um comportamento muito abusivo para com a namorada, pressionando-a para praticar atos sexuais com ela.

Questão para debate: E tu, como agirias?

Duas hipóteses de comportamentos alternativos: cedência/resignação; afirmação/não cedência/rutura;

“Um comportamento abusivo” pretende representar outra dimensão da violência no namoro, designadamente, a violência sexual entre um casal de namorados.

CENA 1

(Numa sala está uma turma a ter aula. Numa das mesas está um rapaz, o Fred, com uma rapariga, a Lisa, e são namorados. O Fred tem vestido uns jeans, uma t-shirt e uns ténis e a Lisa tem vestido uma minissaia e um top. A Lisa está muito atenta à aula, o Fred tenta, sucessivamente, pôr a mão na perna dela e fazer-lhe festas. Ela sente-se incomodada e está sempre a tirar a mão dele do seu colo).

Lisa: Fred, pára! Eu estou a tentar prestar atenção à aula. Espera mais um bocado, 'tá quase a tocar.

Fred: Ok, tá bem (amua) mas depois vamos para um sítio. (pisca-lhe o olho)

(A Lisa continua a prestar atenção à aula. Passado algum tempo toca, e toda a gente arruma as coisas e sai, mas o Fred e a Lisa são os últimos a sair antes da professora. Fred puxa Lisa para ela ir com ele).

CENA 2

(Num canto do pavilhão, o Fred começa a aproximar-se da Lisa, agarrando-a, e tentando pôr a

mão debaixo da sua camisola. A Lisa tenta desviar-se para impedi-lo de o fazer. O Fred, ao aperceber-se disso, começa a refilar)

Fred: Mas o que se passa? Anda cá, não fujas!

Lisa: Fred, pára, eu não quero fazer isso!

Fred: Desculpa?! Quem decide se queres ou não sou eu, olha agora! Anda cá mas é!

(O Fred puxa a Lisa pelo braço e começa a apalpá-la. Mais uma vez tenta pôr a mão debaixo da camisola dela)

Lisa: Por favor pára, Fred!

Fred: Olha-me a lata, ahn! Vens vestida dessa maneira para me provocares e agora queres que eu fique quieto?! Ou vestiste-te assim para outro rapaz?!

Lisa: Eu 'tou vestida normal, não foi para te provocar.

Fred: Pois então quem é o gajo, anh? Deixa-me ver o teu telemóvel.

Lisa: Não mexas na minha mala, para!

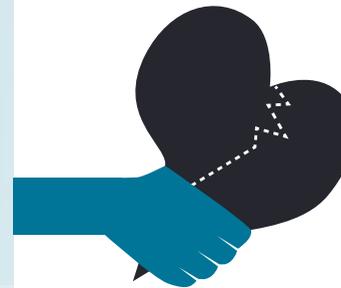
(A Lisa agarra na mala)

CENA 3

(A Lisa olha para a câmara):

Lisa: E tu, o que é que farias?

(No ecrã aparecem três hipóteses)



“Um comportamento abusivo” remete a discussão diretamente para uma das formas de violência que, com alguma frequência, se desvaloriza no contexto de uma relação de intimidade entre duas pessoas. Ideias como “Não existe violência sexual no namoro” e “Quando se gosta de alguém deve-se fazer tudo o que ele(a) gosta” continuam a estar muito presentes e a contribuir para esconder uma realidade que existe, mas que é difícil “vir ao de cima”.

É particularmente importante durante a discussão que o grupo de jovens possa exprimir as suas ideias sobre os comportamentos retratados, não sendo aconselhável fazer juízos de valor ou emitir opiniões moralistas.

Um primeiro aspeto que importa discutir com o grupo é a existência desta realidade! Poderá ser útil recordar que o **estudo feito nas escolas de Cascais no ano letivo de 2009/2010 revelou a existência deste tipo de comportamentos abusivos:** 11 alunas referiram ter sido obrigadas a praticar atos sexuais não desejados no contexto de uma relação de namoro. Estamos perante um número que, dada a gravidade do com-

portamento que envolve e das consequências que acarreta, “esmagador”.

Importa também clarificar junto dos/as jovens o que se entende por violência sexual: a violência sexual, que envolve violência física e psicológica, acontece quando estamos perante qualquer tipo de conduta sexual não consentida, que vai desde contactos corporais não desejados até à violação ou tentativa de violação. Também a pressão para realizar actos sexuais que a pessoa não deseja ou para os quais não se sente preparada se inclui neste tipo de violência. A violência sexual, como todas as outras formas de violência doméstica, constitui um crime⁶ e aplica-se a “cônjuges, ex-cônjuges e a pessoas de outro ou do mesmo sexo com quem mantenha ou tenha mantido uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação.”⁷

Um aspeto particularmente interessante a explorar após a visualização desta história diz respeito à atitude de Fred relativamente à forma como Lisa vai vestida. A forma como uma rapariga se veste é, não raras vezes, apontada por rapazes e raparigas como sendo uma fonte de provocação. Várias vezes ouvimos comentários como estes: **“Elas estão a pedir”, “Elas querem, senão não vinham assim vestidas”**. Sempre que exista algum comentário deste tipo é importante abrir a discussão e não deixar passar em branco.

Recordar que, desde muito jovens, rapazes e raparigas são educados de forma distinta em função do género. Os rapazes são frequentemente incentivados a valorizar a força física, a iniciativa, a competição, o poder.. Já as raparigas são valorizadas pela sua delicadeza, beleza física, preocupação pelos outros, obediência, capacidade de demonstrar sentimentos...

Um comportamento de abuso de uma pessoa sobre outra, ou seja, ir contra a sua vontade, como é o caso desta história, nunca poderá ser justificada por nenhum facto. A forma como a rapariga se apresenta vestida é da sua liberdade. Importa, também, explorar a ideia de que se a rapariga se preocupa com a sua apresentação, isto é algo que é importante para ela própria, pois contribui para a sua auto-estima. Encarar a liberdade de escolha de uma jovem relativamente à sua aparência, nomeadamente à forma como se veste, como sendo uma forma de estar a provocar sexualmente outrem é um enorme preconceito e decorre naturalmente da interiorização de **estereótipos de género**. Justificar qualquer ato de violência, nomeadamente de abuso sexual, com base num suposto comportamento “provocatório” da jovem é sempre inaceitável!

Por outro lado, é importante desmistificar a este propósito que estratégias de “justificação” de comportamentos abusivos baseados no suposto comportamento “provocatório” da vítima (a forma de vestir é apenas um exemplo) são estratégias de culpabilização da vítima que visam apenas fazê-la sentir-se culpada para a obrigar a ceder. Aqui, importa uma vez mais transmitir aos/às jovens a importância de dizer não (e de apoiar a amiga/o amigo nessa atitude) e de não ceder à pressão. Ceder vai dar força a quem agride, abrindo caminho para que a relação vá evoluindo numa escalada de maior exigência, maior controlo e cada vez maior dificuldade em romper com a violência.

É fundamental deixar claro que ultrapassar certos limites, significa ultrapassar os limites da liberdade da outra pessoa. Nenhuma justificação é válida para o comportamento de abuso e de desrespeito manifestado por Fred relativamente à vontade expressa por Lisa ao longo do desenrolar dos diferentes momentos da história “Um comportamento abusivo”.



6. Artigo 152º do Código Penal disponível em http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/Legislacao_AreaViolencia-Domestica.aspx#.

7. Plano Nacional contra a Violência Doméstica, 2011-2013, disponível em <http://www.cig.gov.pt/planos-nacionais-areas/violencia-domestica/>

AS HIPÓTESES

1º Hipótese

(Lisa cede aos avanços de Fred apesar de não querer, mas cede com medo do o perder ou que ele a deixe se ela não quiser estar com ele)

Fred: Linda menina! Vá, agora vem cá, e vais fazer tudo o que eu quiser!

(A Lisa sente-se muito incomodada.)

2º Hipótese

(A Lisa sente fragilidade e indecisão, agarra na mala e foge.)

Fred: Volta aqui que tu és minha. Se não voltas aqui, vais-te arrepender. Comigo ninguém brinca!

(Lisa está chocada com a forma como Fred a tratou. Vai para junto de uma amiga chorar. Está triste e confusa.)

3º Hipótese

(A Lisa impõe-se e tem coragem de não ceder)

Lisa: Fred, estou farta! Acabou! E não te atrevas a vir atrás de mim

(Fred tenta agarrá-la, mas ela consegue soltar-se e vai-se embora.)

Fred: Mas o que é que eu fiz?!

Na **primeira hipótese**, Lisa acaba por ceder à pressão de Fred, debatendo-se com sentimentos claramente contraditórios e que importa explorar, incentivando a discussão com os/as jovens, sobre este primeiro desenlace. Um dos mitos associados a este tipo de violência é, como já referido anteriormente, que **“Quando se gosta de alguém deve-se fazer tudo o que ele(a) gosta”**. Importa deixar claro que uma das dificuldades em romper com uma situação de abuso reside precisamente na existência de sentimentos de afeto para com a pessoa que manifesta esse comportamento abusivo. Também aqui é notória a enorme contradição de sentimentos de Lisa. Por um lado, Lisa gosta de Fred mas, por outro, não gosta das suas atitudes e comportamentos. É importante distinguir a pessoa, da sua atitude. O que se julga é o comportamento da pessoa e não a pessoa. E é precisamente o comportamento de Fred que é inaceitável numa relação de amor. Ninguém deseja ou merece manter-se numa relação onde não é respeitada e onde é coagida a ter comportamentos que não deseja. Quem ama, respeita! Quem ama, não abusa! Quem ama, respeita a liberdade do/a outro/a.

Por outro lado, importa deixar claro que existem consequências graves imediatas e futuras para um/a jovem que seja obrigada a ceder a este tipo de violência. A experiência da violência e do abuso em relações de namoro resulta em fortes marcas na vítima, deixando-a com medo de se envolver em novas relações, receando (re)viver experiências traumáticas.

Nas **hipóteses dois e três**, Lisa, apesar da enorme contradição de sentimentos que exprime, decide não ceder ao abuso de Fred. É importante realçar a importância da decisão tomada por Lisa, valorizando a assertividade demonstrada ao dizer “Não!” ao namorado. Esta é uma decisão difícil – e que por isso deve ser valorizada e apoiada – tanto mais que é clara a confusão sentimental sentida por Lisa relativamente à situação. Importa não desvalorizar a legitimidade destes sentimentos contraditórios da jovem, discutindo abertamente a questão com o grupo. É muito frequente que as vítimas sintam vergonha e mesmo culpa quando ocorrem este tipo de situações, tornando difícil uma atitude assertiva para com o agressor. É, por isso, importante discutir com o grupo a legitimidade do sentimento de afeto de Lisa por Fred (Lisa gosta do namorado, o que é natural) e, simultaneamente, a impossibilidade de se aceitar qualquer tipo de comportamento desta natureza (Fred tenta abusar sexualmente da namorada) numa relação de namoro.

Finalmente, e embora a participação da amiga de Lisa, esteja pouco explorada nesta história, é possível utilizar esta busca de apoio para discutir a importância do papel da/o amiga/amigo numa situação desta natureza. Aqui a discussão poderá ser suscitada, incentivando os/as jovens a colocarem-se no lugar da amiga de Lisa e pedindo-lhes para dizer o que fariam naquela situação. No final da discussão, existem algumas mensagens que convém deixar claras:

- **Romper com/sair de uma relação violenta é difícil;**
- **É importante fazer a pessoa sentir que não está sozinha;**
- **É importante fazer a pessoa sentir que não é responsável pelo comportamento violento do/a namorado/a;**
- **Caso a pessoa decida não romper a relação com o/a namorado/a, não a abandones;**
- **Não é fácil apoiar uma pessoa que vive uma relação violenta.**



CONTACTOS

APAV – Gabinete de Cascais.

Telefone: 214664271. apav.cascais@apav.pt

Espaço V – Serviço de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica gratuito e confidencial

– Telefone: 210994321, segunda a sexta feira das 10h às 17h (atendimento telefónico); segundas e quartas das 10h às 18h (atendimento presencial). cooperactiva@gmail.com

- Fórum Municipal de Cascais contra a Violência Doméstica – CMC

Tel. 214815265, forum.violenciadomestica@cm-cascais.pt

Mais contatos úteis estão disponíveis em várias publicações do FMCVD:

- no roteiro "Rede Segura" (http://www.cm-cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/roteiro_rede_segura_cmc.pdf)
- na brochura "Viva sem medo" (http://www.cm-cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/viva_sem_medo.pdf)
- no "Manual para Docentes – Crianças e Jovens expostos à Violência Doméstica" (http://www.cm-cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/manual_docentes_web.pdf)

BIBLIOGRAFIA

Caridade, S. e Machado, C. (2008) "Violência Sexual no Namoro: Relevância da Prevenção". Psicologia, vol. XXII (1), pp. 77-104, disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psi/v22n1/v22n1a04.pdf>

Caridade, Sónia Maria Martins (2008) "Violência nas relações de intimidade: Comportamentos e atitudes dos jovens". Tese de Doutoramento em Psicologia. Minho: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Matos, M., e outros (2006) "Prevenção da Violência nas Relações de Namoro: Intervenção com Jovens em Contexto Escolar". Psicologia: Teoria e Prática, 8 (1), pp. 55-75.

Paiva, C., e B. Figueiredo (2004) "Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses". Psychologica, 36, pp. 75-107.

Sebastião, João, Mariana Gaio Alves e Joana Campos (2003) "Violência na escola: das políticas aos quotidianos". Sociologia, problemas e práticas, nº 41.

Sebastião, J. (coord.) (2010) "Adolescência, Violência e Género no Concelho de Cascais". Cascais: CIES/ISCTE/CMC.

SITIOGRAFIA

www.cig.gov.pt

<http://www.cig.gov.pt/?s=viol%C3%Aancia+no++namoro>

<http://apav.pt>

<http://www.apavparajovens.pt/pt/go/o-que-e1>

<http://www.amcv.org.pt/>

<http://www.amcv.org.pt/pt/amcv-jovens>

http://www.graal.org.pt/files/EA_Guia_para_acciao.pdf

<http://www.umarfeminismos.org/>

<http://www.apmj.pt/>

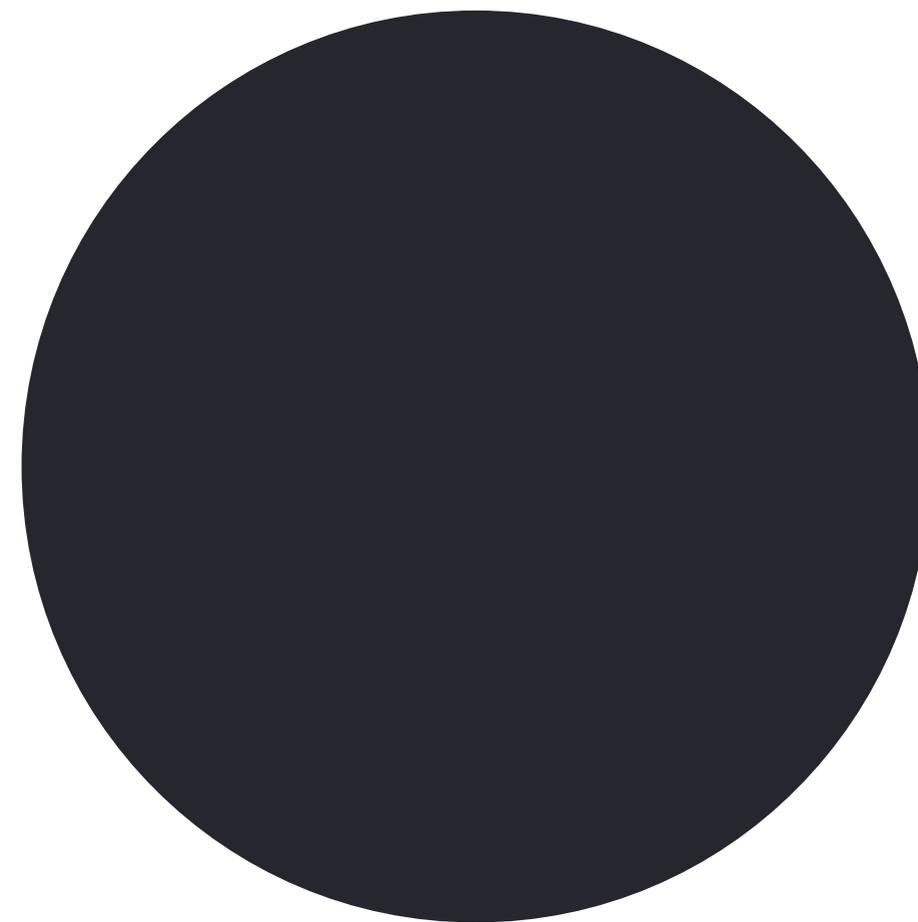
<http://redejovensigualdade.org.pt/>

www.loveisnotabuse.com

www.thehideout.org.uk

<http://www.loveisrespect.org>

<http://www.bava.org.uk/types-of-abuse/children-and-young-people>



Ficha Técnica

Autoria
Isabel Baptista (CESIS)

Edição
Câmara Municipal de Cascais
Departamento de Habitação e Desenvolvimento Social

Título
Prevenção da Violência nas Relações de Intimidade Juvenil - Kit Pedagógico

Autoria

Isabel Baptista (CESIS)

Com a colaboração de
Professora Patrícia Soares de Albergaria
Professora Maria Catarina Sardenha Lagáreiro
Elsa Figueiredo (CooperActiva - Espaço V)
Rita Wengorovius e José Reis (TU, Teatro Umano - Associação Cultural)

Adriana Benedita Veiga Silva
Ana Carina Furtado Nascimento
Ana Catarina Pedreira Marques
Beatriz de Campos Damilão
Belalma Nascimento
Bruna Veiga Silva
Cristina Pannoraj Torres
Faustina Graça
Frederico Felgueiras
Joana Barreiro Coelho
João Félix
Maria Raposo Marques

Miguel Filipe Justo Moura Ribeiro
Naveli Carralal
Pedro Lera
Pedro Mendonça
Pedro Teixeira
Salvador Gouveia

Realização do filme
Produtora Pedro Vieira

Design
ideia, designers

